

INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO
CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

ETÉREA



**03 ENTRE SANTOS,
ARCANJOS E DESEJOS**

Marcelo Collaço Paulo

**05 ETÉREA: EXPRESSÕES DO
HUMANO AO DIVINO**

Francine Goudel

15 OBRAS

107 EQUIPE TÉCNICA

ENTRE SANTOS, ARCANJOS E DESEJOS

Marcelo Collaço Paulo

Colecionar arte sacra é um capítulo à parte. Acumula-se por devoção, por convicção ou somente na busca da máxima expressão da arte para, através dela, ter uma visão etérea do mundo.

Jeanine e eu quando viajamos, adoramos entrar em igrejas antigas, percorrer os corredores, os claustros dos mosteiros, as capelas, buscamos os tetos e altares com a intenção de captar e consumir cada imagem como obra de arte. Igrejas são templos democráticos da arte para nós e para todos. Isto é fascinante.

Milhares de pessoas passam, milhões já passaram, num cortejo, com misto de veneração e contemplação.

Quando encontramos a arte sacra, pintura ou escultura, não nos atrai o simbolismo religioso, mas sim a sua qualidade, a expressão, a maestria, a preciosidade que está ali, não só para mostrar a sua beleza, mas convencer através da imagem.

A exposição “Etérea” configura várias matrizes religiosas do século 15 aos dias atuais. Juntas, as obras contam uma história, uma narrativa, tão distantes no tempo, mas formando um mosaico para compor um cenário de mensagens, em que cada qual quer ser escutada e não ficar calada.

Um retábulo do século 15, rodeado por obras de artistas modernistas brasileiros, chamou a atenção. Como uma obra deste tamanho (mais de dois metros) e peso, de profundo senso religioso, atravessou os mares (origem europeia) como uma caravela, estando aqui perto de nós? Isto aguçou a curiosidade, como migrou, que histórias a obra conta em seus mais de 500 anos, me senti totalmente envolvido, com uma mescla de paixão e necessidade de tê-la ao meu lado. Prefiro o desconhecido, a dúvida sobre a certeza dos modernistas, a força da história falou mais alto. Hoje o retábulo contracena nesta exposição, desde a sua origem passou por igrejas, já foi apreciado em uma parede por poucos e, agora, está novamente para ser observado por todos.

A migração de peças é muito comum na arte sacra. Elas migram como pássaros que procuram seus destinos, mudam de casas, para outros olhares e composições.

Mãos divinas constroem algo tão maravilhoso, que não se apaga com o tempo, conservando sempre a mesma aura de outrora.

São Sebastião, torso em movimento, da escultura barroca à pintura de Lindote, as mesmas formas, mesmos argumentos e crenças. Carregam bandeiras, transformam religião em ideal, falam do passado e do contemporâneo com a mesma intensidade.

Injustiças viram pautas do presente.

Que linda é a arte que contempla a possibilidade de adorar o intangível e, ao mesmo tempo, amar a sua execução.

“Etérea” é uma exposição que, como um perfume volátil, se dissipa, mas o pensamento e a obra permanecem de forma estoica, que resiste à passagem do tempo e traz sentimentos profundos de desejos e interrogações.

ETÉREA: EXPRESSÕES DO HUMANO AO DIVINO

Francine Goudel

Há muitos anos a humanidade representa em imagem a consciência do que poderia ser sagrado, criando alegorias sobre a fé e esboçando as narrativas sobre as sofredoras existências dos que buscaram a devoção, o altruísmo e a benevolência. A materialidade dessas abordagens implica em séculos e séculos de criações que configuram o que chamamos de arte sacra e religiosa, que nesse escopo incluem artefatos, peças de adoração e objetos relacionados aos ritos em si, mas também abarcam a obra de arte, confeccionada por artistas que perseguem a visualidade do tema num marco temporal alargado, e que na contemporaneidade usufruem de uma liberdade interpretativa e discursiva, propícia de seu tempo.

“Etérea” é um mergulho na Coleção Colação Paulo, por entre imagens que suscitam a consistência dessas criações. Com representações santificadas e objetos que transitam entre o popular e o erudito, a exposição agrupa e investiga os mistérios das concepções e narrativas atreladas à fé, ao sagrado, profano e devocional.

Apesar de conter esse conjunto e suas heterôgenas abordagens, a coleção não se dedica ao tema como matriz de formação de seu acervo. A predileção e escolha dos colecionadores Marcelo Collaço Paulo e Jeanine Gondin Paulo sempre foi por meio da imagem, o interesse pela composição, pela história e procedência das obras, para além do seu caráter religioso. E de igual forma é o exercício curatorial desta mostra.

Muitos destes trabalhos presenciaram, ao longo de séculos, a devoção real, em templos e casas, adornando a matéria e o espírito de gerações. “Etérea” reúne cerca de cem peças que se estabelecem como obras de arte e como artefatos artísticos, confeccionados em linguagens e materiais distintos como pintura, escultura, em madeira, bronze, cerâmica, vidro, entre outros, de procedências, países e movimentos distintos, como as escolas italiana, francesa, flamenega, grega, portuguesa, andina, e brasileiras também, situadas entre os séculos 15 e 21. Uma adensada reunião que demonstra um comple-

xo caminho traçado na tentativa de colocar em evidência a devoção, a personificação de algo ou alguém de fé, mas também a materialidade e imaterialidade do sagrado, do divino e os significantes nas estruturas de simbologia, bem como no reflexo das vivências de diferentes pessoas. Sem dúvida uma tarefa hercúlea, dar relevo ao que é da ordem do intangível. E dessa volatilidade difícil de estruturação surge o título da mostra: “Etérea”.

A exposição não aponta um caminho a ser seguido, no entanto, apresentaremos o percurso da mostra, por entre os espaços do receptivo dedicado a representações de São Sebastião, às da entrada ao salão principal que chamamos aqui de corredor da fé, a sala das crucificações, a dos eruditos e populares, dos andinos, a parede dedicada a Exu e a sala do templo das mulheres.

Na entrada, o núcleo voltado à São Sebastião, com seis trabalhos que mostram a iconografia da representação da resistência, na imagem desse homem que resiste às flechadas. As obras exibem uma

dimensão temporal e discursiva, do século 17 ao 21, situam as repetições dos símbolos, mas também as atualizações à visualidade da crença, na medida que coloca o santo em novas posturas e proposições.

Um dos santos mais representados na história da arte, em sua iconografia São Sebastião é comumente identificado pela imagem de um homem seminu, amarrado a uma árvore, com feridas de flechas espalhadas pelo seu tronco corporal que exemplificam os martírios sofridos.

Conta a história que Sebastião, nascido em Narbona, na França, no ano de 256 depois de Cristo, se muda ainda jovem para Milão, na Itália, e ingressa na carreira militar, compondo o pelotão do exército romano. Exerce um alto escalão dentro da tropa, como capitão da guarda de proteção dos oficiais, e tem uma relação próspera com os imperadores Diocleciano e Maximiano, até os governantes tomarem conhecimento de sua devoção cristã, inclusive exercendo os preceitos da religião junto aos presos e doentes das batalhas.

Por ser o cristianismo uma crença proibida nessa época, Sebastião é ordenado a renunciar da sua fé. Porém, ao desobedecer a imposição, por sua rebeldia é condenado pelos imperadores a morrer por flechadas. Os arqueiros tiram suas roupas, o amarram a um tronco e lançam flechas, deixando ele preso para sangrar até a morte. Mas ele sobrevive, salvo por uma cristã chamada Irene que o leva para casa e cuida dos ferimentos. Recuperado, apresenta-se aos imperadores, clama pelo fim da perseguição aos cristãos, no entanto, a reaparição termina em nova e cruel sentença. Espancado até morrer no ano de 288, jogam o seu corpo em um esgoto.

Uma narrativa lendária, construída pelos preceitos de uma religião que possibilita uma constatação, a de que quase todas histórias dos mártires, de devoção e de fé cristã, estão atreladas a narrações de requintes de crueldade e da supremacia da violência, algo que inevitavelmente não poderia ser deixado de lado nesta exposição.

Quatro séculos após a morte de Sebastião, registra-se que outra cristã encontra o seu corpo através de uma visão divina e Constantino, imperador que firma o cristianismo na história da humanidade, canoniza o santo e manda construir em Roma a Basílica de São Sebastião, para abrigar os restos mortais do mártir. Muitos textos associam que o começo do culto ao santo está relacionado ao seu sepultamento e ao fim de uma peste que na época assolava a região, atribuindo a ele o milagre.

Em razão dessas narrativas, São Sebastião é considerado o protetor da peste, das epidemias, mas também da fome e da guerra. Também é atribuído como o padroeiro da comunidade LGBTQIAP+, com referências relacionadas à sua postura íntegra diante da dor. No sincretismo afro-brasileiro da umbanda, o santo é associado a Oxóssi, entidade que protege o reino animal e vegetal. Essas relações são possíveis de ver nos trabalhos desse núcleo, adensados pelas composições dos contemporâneos Walmor Corrêa, Rodrigo Cunha, Fernando Lindote e Lara Baruzzo,

que aperfeiçoam a imagem sobre a história do mito e atualizam os argumentos do tempo presente.

No corredor de acesso ao salão principal, três obras conduzem por entre a abordagem da fé: uma pintura holandesa da Escola de Pieter Mulier II (1637-1701) sobre uma batalha impossível, com detalhes de um feixe de luz celestial que dá o tom de mistério e esperança; uma peça de 1700 atribuída à Giacomo Triga (1674-1746), que narra a história emblemática de Davi sobre Golias; e outra obra de cerca de 1900, que mostra o silêncio de uma oração, na impecável pintura de Edgard Maxence (1871-1954), artista francês do fim do século 19, início do 20.

Outro núcleo reúne peças que tratam das crucificações, cenas de pena de morte muito imputadas nos tempos antigos, imposta aos crimes considerados hediondos e que combina elementos de tortura e vexação pública. A crucificação mais emblemática da história das imagens, sem dúvida, é a de Cristo, igualmente uma das questões centrais do entendimento da dou-

trina cristã, na qual se descreve o *pathos*, o momento do sofrimento de sua morte: a “Paixão de Jesus”. Obras centrais nesta sala são uma pintura cusquenha do século 18, “Señor de los Temblores”, ladeada por outras duas da década de 1970 do artista Manuel Messias dos Santos (1945-2001), da série “Via Sacra”.

Nesta sala a evidência da violência ganha ênfase, as cenas de suplício da cruz e os crucifixos são expostos, todas as ações de condenação e morte ocasionadas por uma devoção ao princípio do bem. Apresenta-se junto às crucificações metafóricas, a perseguição simbólica que a doutrina realiza sobretudo ao mundo feminino. Nesse espaço, estão as representações de Maria Madalena, a primeira mulher “crucificada”, testemunha da paixão de Cristo e uma das figuras mais incompreendidas e difamadas pela própria religião. A ela, depois de Eva, se atribui o pecado da carne - o prazer através do corpo feminino é amplamente condenado pelo catolicismo.

No mesmo núcleo há também algumas referências sobre o assunto, como na pintura espanhola do século 18, “Êxtase de Santa Tereza D’Avila”; a gravura de Adão e Eva de Theodore de Bry (1528-1598), de 1590, ou “Adão e Eva” na peça alemã de marfim de 1690. O castigo ao pecado está imposto no centro da sala, a página aberta com a descrição do inferno na “Divina Comédia”, livro escrito em 1578 por Dante Alighieri (1265-1321), e o beijo do demônio envolvente na peça de 1930, atribuída a Bruno Zach (1891-1935). Mas a crucificação ao mundo feminino é também figurada, como na obra de Almeida Junior (1850-1899) com a emblemática pintura de 1870 que narra a história da violação de Lucrecia, realizada por Tarquínio. A narrativa mais profunda neste sentido coloca a mulher como a protagonista do erotismo, causadora de todos os males do mundo, desde a expulsão do paraíso ao corrompimento do homem de fé, chegando a outras matrizes mitológicas, como a abertura da caixa de Pandora, evidenciado por um bronze

de cerca de 1840, feito pelo suíço Jean Jacques Pradier (1790-1852).

Outra sala em “Etérea” abriga um núcleo de obras tradicionalmente classificadas como eruditas e populares. A mostra propõe um paralelo entre expressões comumente tratadas como opostas de maneira equivocada, mas que aqui se apresentam lado a lado, em diálogo. Em suas maestrias, configuram-se como exercícios individuais e coletivos que exigem conhecimento, percepção de matrizes e sobretudo vontade compositiva. Ex-votos, retábulos e artefatos indígenas da missão jesuíta no Brasil dividem o ambiente com pinturas de escola italiana, francesa, flamenga e grega. A reunião deixa evidente que as consideradas obras de arte figuram ao lado dos artefatos dentro da história. Nessa sala, encontra-se também o oratório de Xavier das Conchas (1739-1814), o único exemplar do artista em uma coleção em Santa Catarina, ricamente ornamentado por conchas coletadas na antiga Desterro, onde ele vive e trabalha por mais de 30 anos, servindo ao exército. A obra, datada do fim do século 18, início

do 19, participa de uma aproximação tanto dos retábulos portugueses dispostos na sala como as referências ao barroco, do Brasil Colonial, nos personagens do contemporâneo Maurino de Araújo (1943-2020), da década de 1980.

O salão principal destaca a primeira tendência artística das Américas desenvolvida sobretudo no Peru, que tem um forte caráter didático, a partir de temas religiosos e que unem dois universos: a cultura espanhola colonizadora e a contribuição andina local. Apesar de muitas dessas obras serem provenientes da Escola de Cusco, um título à referência geográfica, esse modo de produção irradiada por todo território denominado Vice-Reinado, e tem influências do renascimento italiano, maneirismo, arte bizantina, flamenga e do barroco espanhol. No entanto, o seu caráter singular reside na tomada da feitura que fazem os andinos e que geram ornamentos requintados, panejamentos com suntuosidade, evidenciam a fauna e flora da região, entre outros detalhes. “Nossa Senhora de Pomata”, uma das figuras emblemáticas dessa escola,

é representada com um vasto manto e o Jesus menino nos braços, emoldurados e adornados por muitas flores, pérolas e vestimentas.

A parede central destaca a obra do artista contemporâneo Gustavo Nazareno, mineiro com atuação internacional que vive em São Paulo. A tela única de cerca de dois metros de diâmetro, preponderante em preto e vermelho, traz a cultura iorubá para o diálogo sacro, com a obra “Exu” (2023). Nos cultos dos orixás, Exu é uma entidade que sempre está presente e é reverenciada por primeiro. Conta o mito iorubá que Exu, aflito com os problemas que acometiam os deuses e os humanos e, querendo auxiliar, recebe um conselho para escutar todas as histórias, boas e ruins, do mundo terreno e do divino, pois só assim ele conseguiria o conhecimento necessário para ajudar todos. E, assim, ele o faz. Dessa narrativa provém a atribuição ao orixá como grande conhecedor, entidade da comunicação, o mensageiro entre o mundo dos humanos e das divindades. Um personagem, recorrentemente descrito de modo errôneo como “satanás” nas traduções da língua

iorubá para o inglês em meados do século 19, tem sua devida correção só em 2000. Mas, passados mais de 20 anos do princípio de reparação, ainda parece ser pouco tempo para apagar o dano causado à imagem da entidade cultural de matriz africana. Pela primeira vez, uma peça de Nazareno configura uma exposição que propõe um diálogo com a matriz cristã, o que vai ao encontro das propostas do próprio artista, em colocar as imagens da religião de origem africana e afro-brasileiras junto as demais que tratam sobre a fé.

Por fim, a última sala da mostra simula um templo, a visualidade do local da prática da fé, do encontro com o divino. Os recursos para esse simulacro passam pela construção circular na entrada do ambiente, na montagem de um altar ressaltado pelo jogo de cores da parede de apoio e o posicionamento de um vitral com luminosidade lateral, criando uma espécie de janela para fora. Com forte representatividade cristã, o templo é dedicado à concepção da vida, dimensiona a sagrada família e explicita o maternar, como a cena da

amamentação de “Nossa Senhora”, da década de 1970/80 feita por Martinho de Haro (1907-1985). Muitas Nossas Senhoras adornam o local junto às Sant’anas que referenciam Santa Ana, mãe da Virgem Maria, avó de Cristo. Mãe e avó figuram com o Cristo menino, em diferentes versões de sua singularidade e pureza. São José também é representado na relação da figura paterna. Um templo que tem, certamente, uma inclinação ao ponto de vista matriarcal da história.

Na parede oposta ao altar uma sessão dedica-se à história de Santa Catarina de Alexandria, padroeira do Estado de Santa Catarina, uma jovem perseguida por sua crença. Menina muito inteligente, com exímio domínio da oratória, Catarina consegue catequizar muitas pessoas, despertando o ódio do imperador de sua época. Assim como Sebastião, ela sobrevive a uma primeira condenação. A salvação da morte lenta na roda de pregos narrada na história como um milagre em que, por força de sua oração, faz a roda se quebrar. Nas peças de Santa Catarina da Coleção Collaço Paulo é possível ver os símbolos

de sua iconografia. Normalmente representada com uma roda, uma palma e uma espada, às vezes esses detalhes aparecem todos juntos, noutras é possível ver apenas um deles. De maneira muito curiosa, a representação da santa na obra cusquenha do século 18, na peça principal usada na divulgação da exposição, traz a jovem ricamente vestida e ornamentada, fincando a espada na cabeça de um homem, possivelmente o imperador, como uma alegoria de sua força e transformando a lenda em um momento de glória, já que a história narra justamente o contrário.

Com apenas 18 anos Catarina é decapitada pelo imperador, no dia 25 de novembro do ano 305 depois de Cristo, data que posteriormente vira o dia internacional pela eliminação da violência contra a mulher – coincidência ou não. Na mesma sessão de destaque das Catarinas, junto figuram uma peça portuguesa do século 18 do Arcanjo Miguel e “Joana Darc”, de 1910, de Othon Friesz (1879-1949). Outra lenda relata que o anjo aparece para Catarina e, mais de mil anos depois, reaparece para Joana d’Arc,

heroína francesa que escuta a voz da santa e encontra a espada usada nas batalhas que mudam a história da França.

O termo “etérea” foi propositalmente adotado no feminino para, por entre os azuis abertos e fechados das paredes do espaço expositivo, evidenciar outras narrativas que não a da centralidade divina masculina. A escolha da imagem que compõe as peças de divulgação, traduz, entre a leveza do azul do fundo, dos detalhes e a força do vermelho da vestimenta, as questões pungentes da mostra.

Toda a exposição só foi possível de ser executada através da Lei de Incentivo Municipal, com o apoio do Sesi e apoio cultural das empresas Ibagy, Corporate Park e Paradigma Cine Arte, por meio do patrocínio da Prefeitura de Florianópolis. Além de tornar a pesquisa um real percurso expográfico, e com isso gerar acessibilidade e meios de reflexão através de patrimônios culturais, por meio do incentivo também é possível acionar os programas educativos gerados pelo Instituto Collaço Paulo para

atender grupos escolares em distintos perfis de formação e público interessado.

“Etérea” emerge na Coleção Collaço Paulo, em imagens feitas ao longo de séculos, que transitam entre o humano e o divino. A frase usada no texto de apresentação da mostra, de Dante Alighieri, ajuda a ilustrar a linha de pensamento do projeto. Ele afirma que “não se pode exprimir com palavras a passagem do estado humano ao divino”, então se as palavras não dão conta desta incumbência, e mesmo assim nós humanos temos a necessidade de exprimir, refletir sobre isso, a atribuição ficará certamente a cargo de outra linguagem, a das imagens. Uma missão intangível, a tentativa de dar forma ao que é volátil. Mas, sem dúvida, uma tarefa extraordinária que, ao longo da história da humanidade, os artistas exerceram e continuam a transmitir com maestria.





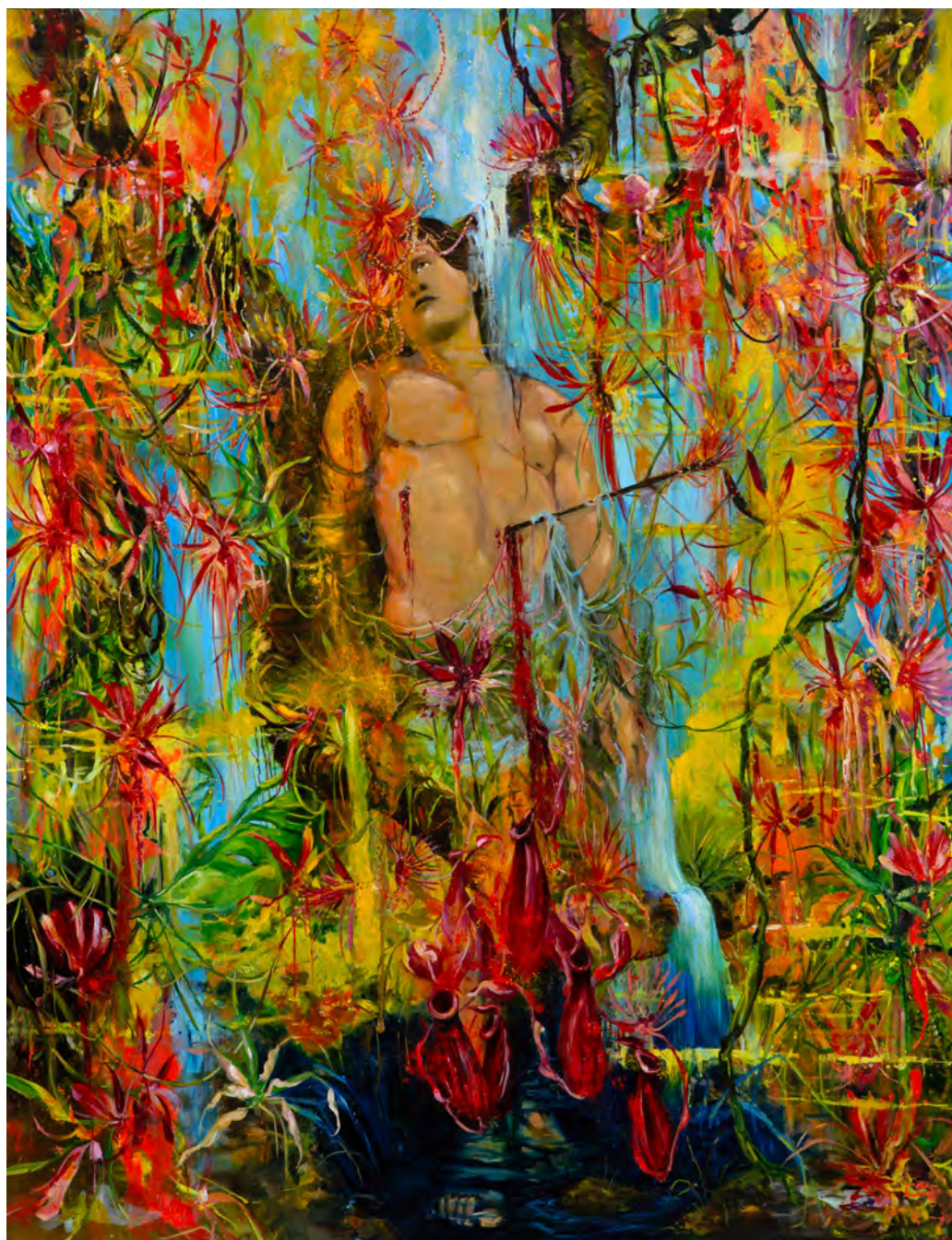
São Sebastião, séc. 17. **ESCOLA ITALIANA**
Óleo sobre tela. 125 x 100 cm. Coleção Collaço Paulo



São Sebastião, c. 1980. **WALMOR CORRÊA**, Florianópolis, SC
Óleo sobre tela. 91,5 x 91 cm. Coleção Collaço Paulo



São Sebastião, 2022. **RODRIGO CUNHA**. Florianópolis, SC
Óleo sobre tela. 148 x 107 cm. Coleção Collaço Paulo



O Surgimento das Flores Antropofágicas na Nascente do Tapuiubaí, 2020.

FERNANDO LINDOTE. Florianópolis, SC

Óleo sobre tela. 180,5 x 140 cm. Coleção Collaço Paulo



São Sebastião, séc. 17. **ESCOLA ESPANHOLA**
Madeira policromada. 117 x 45 x 23 cm. Coleção Collaço Paulo

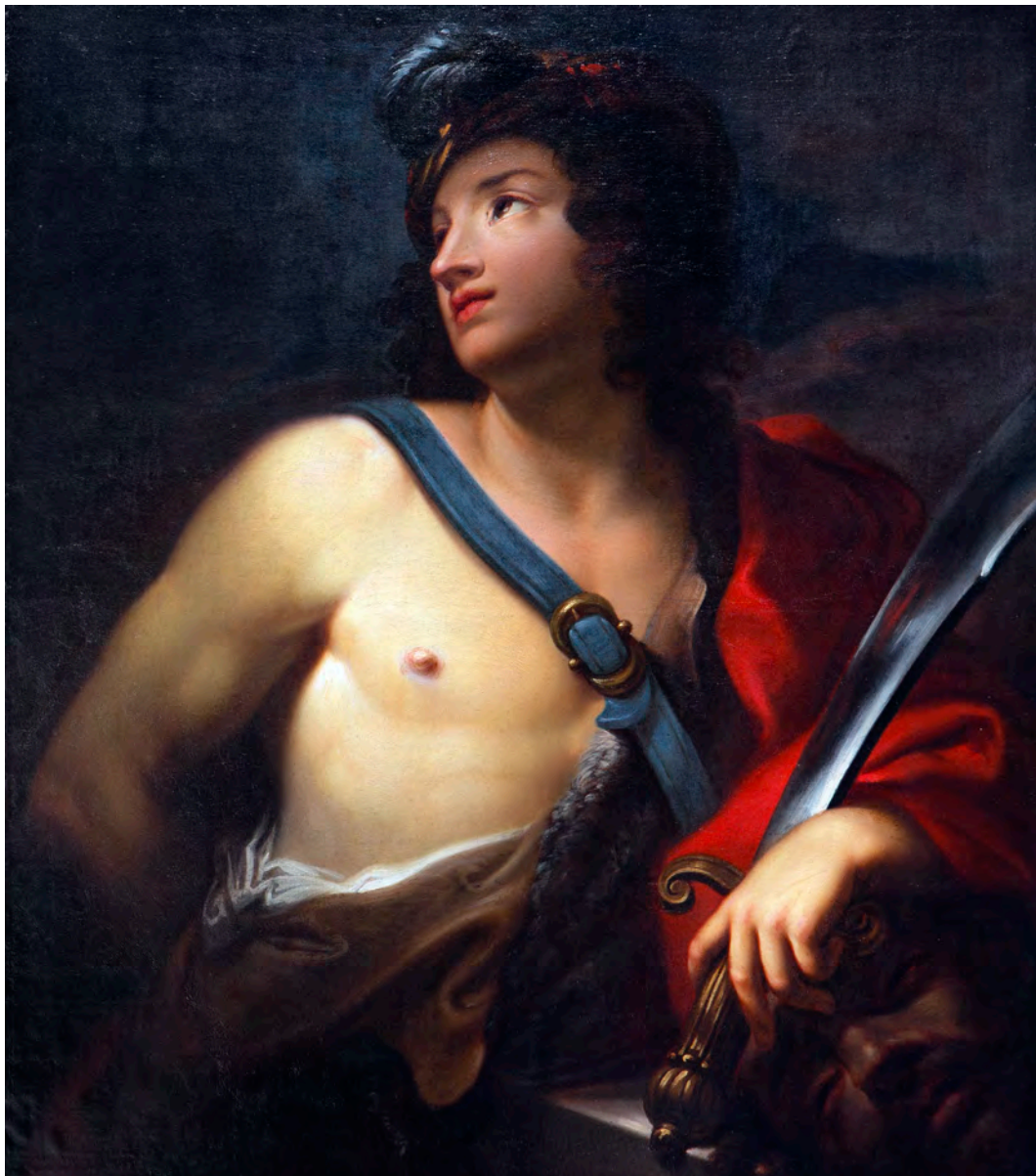


São Sebastião Brasileiro, 2023. **LARA BARUZZO**. Curitiba, PR
Óleo sobre tela. 220 x 120 cm. Coleção Collaço Paulo





Orante, c. 1900. **EDGARD MAXENCE**. (1871-1954). França
Óleo sobre madeira. 75,2 x 53,5 cm. Coleção Collaço Paulo



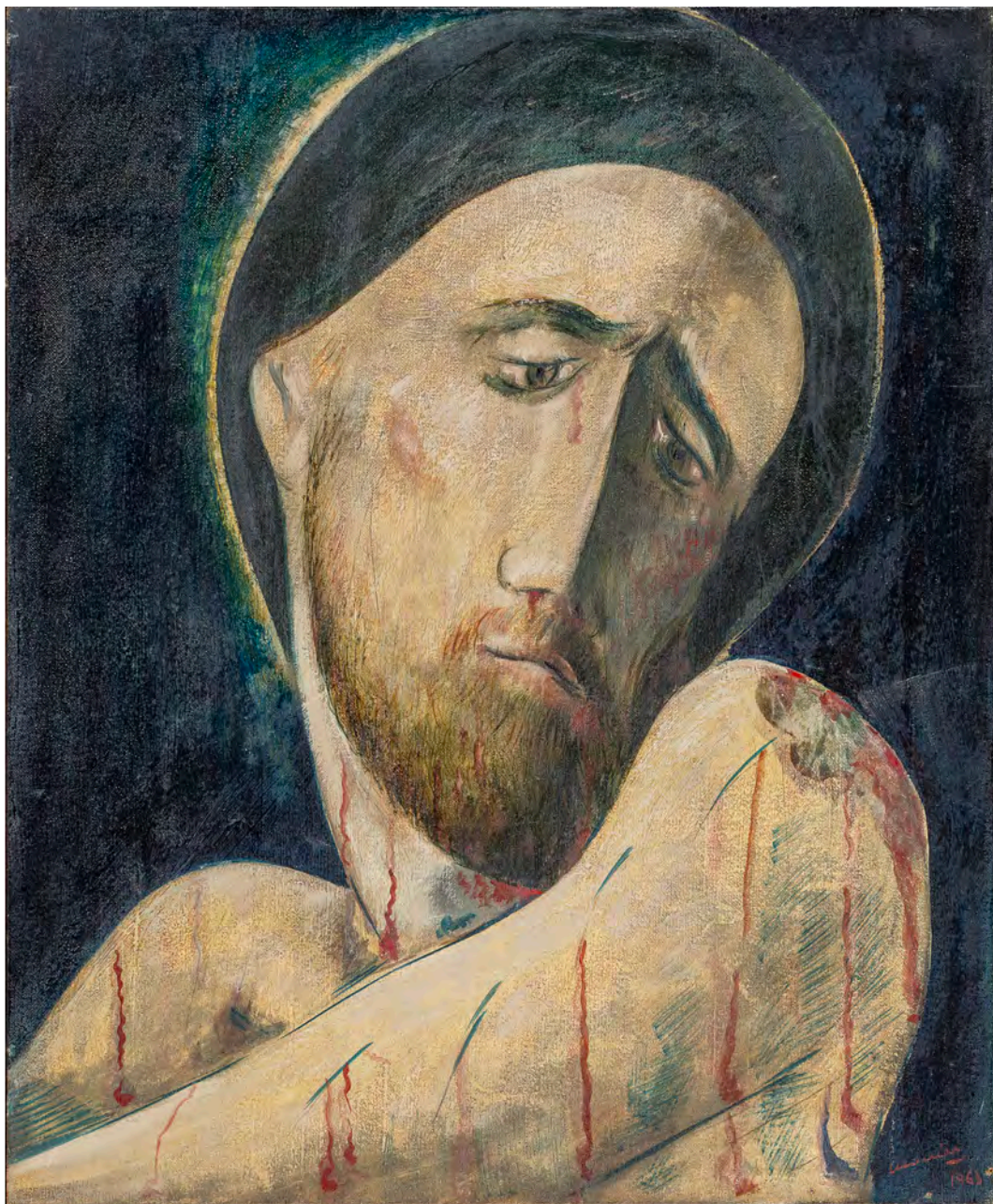
David com a Cabeça de Golias, 1710.

GIACOMO TRIGA. (1674-1746). Escola italiana
Óleo sobre tela. 93,6 x 81,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Tormenta, séc. 17. **ESCOLA PIETER MULIER II.** (1637-1701). Holanda
Óleo sobre tela. 86 x 137,5 cm. Coleção Collaço Paulo





Cristo, 1963. **EMERIC MARCIER.** (1916-1990). Romênia
Óleo sobre tela. 74,5 x 61,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Cristo Crucificado, séc. 18. **ORIGEM PORTUGUESA**

Marfim, metal e madeira. 81 x 35 x 12,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Cena da Crucificação de Cristo, séc. 17. **ESCOLA FLAMENGA**
Óleo sobre tela. 73,5 x 123,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Nosso Senhor do Bonfim, séc. 18-19. **ORIGEM BRASILEIRA**
Madeira policromada e metal. 82 x 37 x 16 cm. Coleção Collaço Paulo



Cena da Crucificação de Cristo, séc.17. **ESCOLA FLAMENGA**
Óleo sobre tela. 91,5 x 71,5 cm. Coleção Collaço Paulo



E Saiu Sangue e Água, c. 1970.

MANUEL MESSIAS DOS SANTOS. (1945-2001). Aracajú, SE

Xilogravura em cores impressa s/ intertela. 141,5 x 70,5 cm. Coleção Collaço Paulo



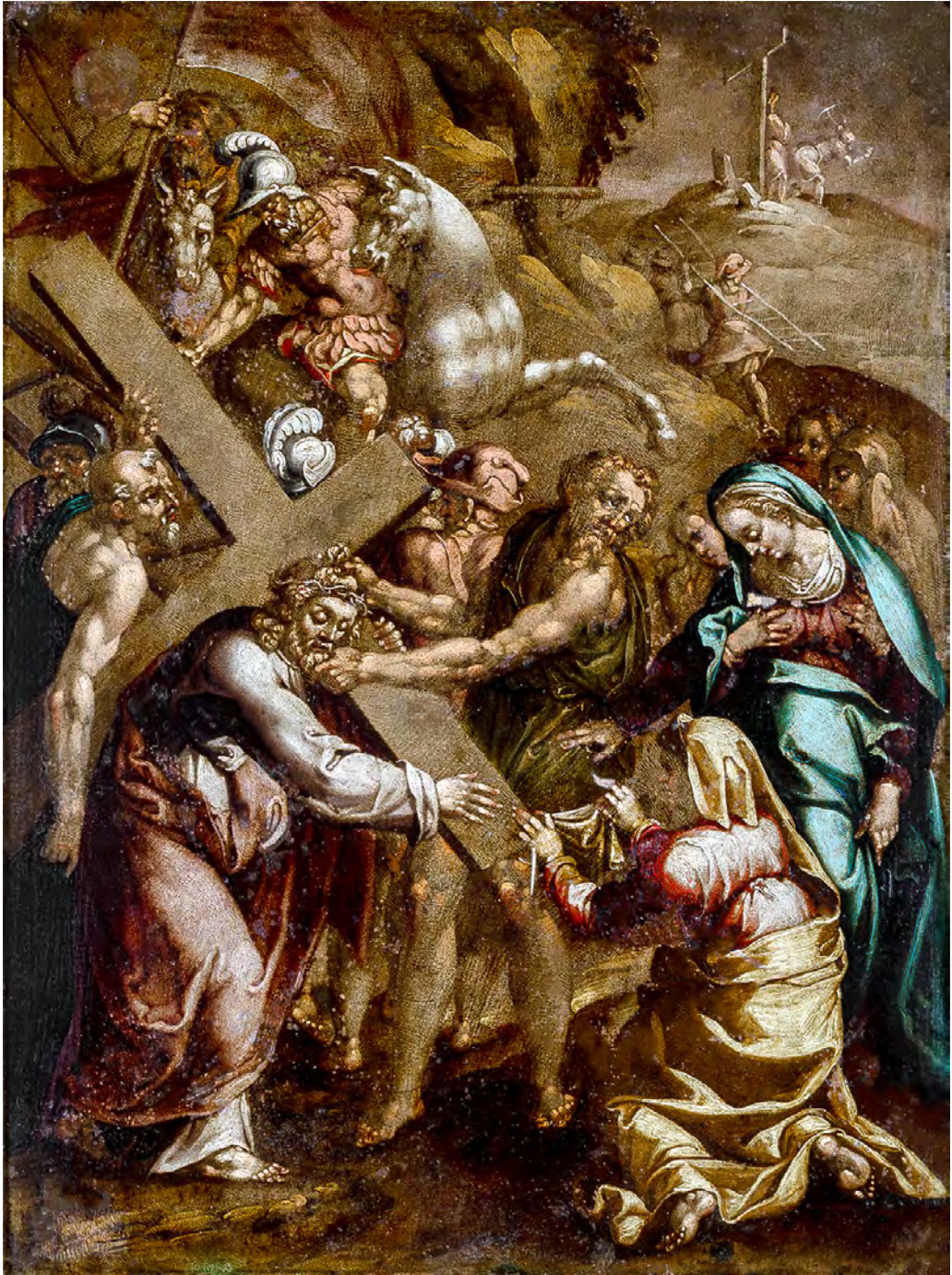
Señor de los Temblores, séc. 18. **ESCOLA CUSQUENHA**
Óleo e douramento sobre tela. 157 x 113 cm. Coleção Collaço Paulo



Não Sabem o que Fazem, ca. 1970.

MANUEL MESSIAS DOS SANTOS. (1945-2001). Aracajú, SE

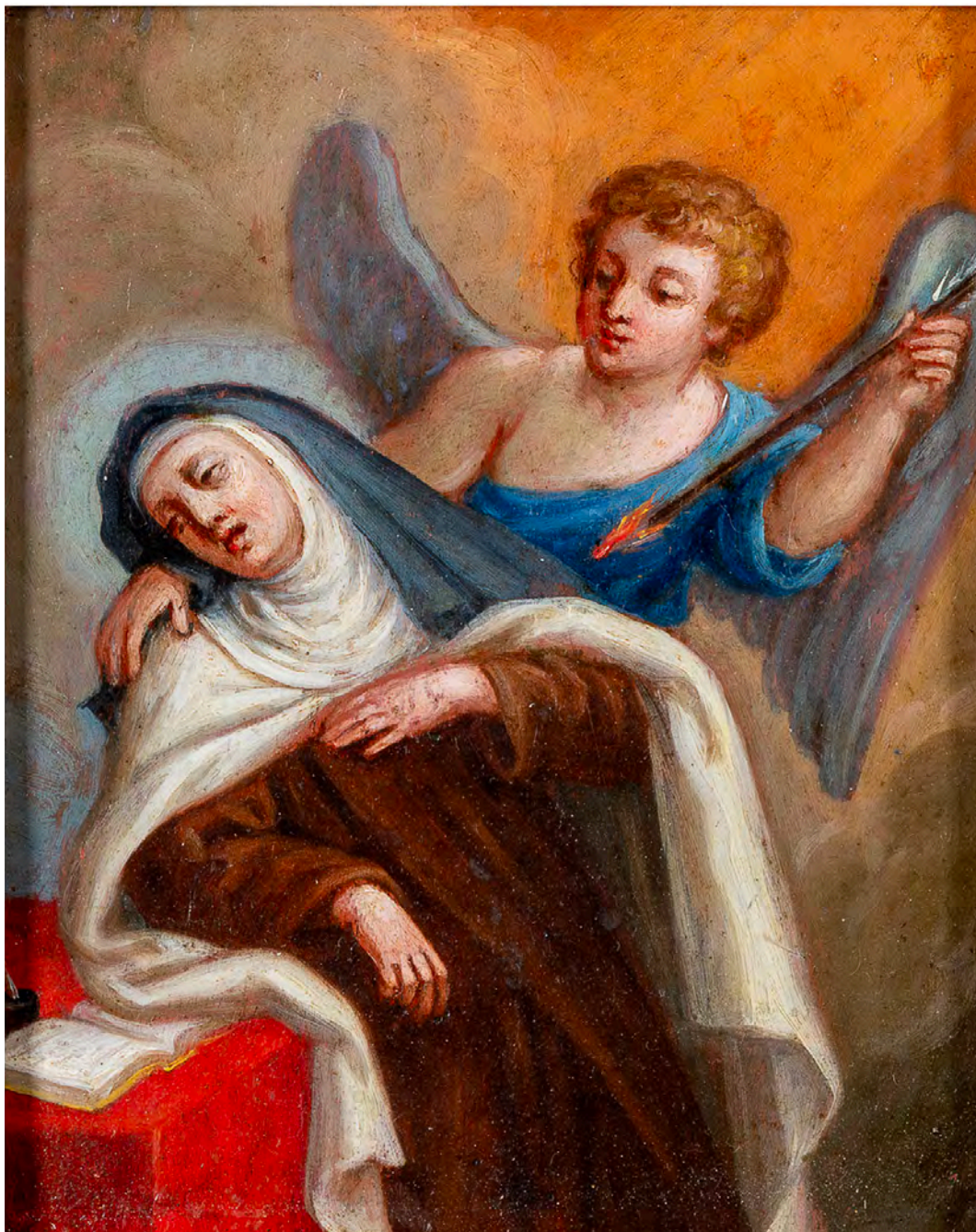
Xilogravura em cores impressa s/ intertela. 141,5 x 70,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Verônica Limpa o Rosto de Jesus - Via Sacra 6ª Estação, séc. 16. ESCOLA ITALIANA
Óleo sobre cobre. 30 x 22 cm. Coleção Collaço Paulo



Tarquínio e Lucrecia, c. 1870. **ALMEIDA JUNIOR.** (1850-1899). Piracicaba, SP
Óleo sobre tela. 73,5 x 93,6 cm. Coleção Collaço Paulo



Êxtase de Santa Tereza D'Avila, séc. 18. **ESCOLA ESPANHOLA**
Óleo sobre cobre sobre madeira. 18,5 x 15 cm. Coleção Collaço Paulo



Adão e Eva, 1590. **THEODORE DE BRY.** (1528-1598). Bélgica
Gravura em metal. 28,8 x 20,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Justina y Rufina, séc. 19. **ESCOLA ESPANHOLA**. Círculo de Antonio María Esquivel
Óleo sobre tela. 125 x 99,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Maria Madalena, séc. 17. **ESCOLA ESPANHOLA**

Madeira policromada e metal. 72,5 x 22,3 x 21,2 cm. Coleção Collaço Paulo



Maria Madalena, séc. 18. **ESCOLA CUSQUENHA**
Óleo sobre tela sobre madeira. 59 x 40 cm Coleção Collaço Paulo

DANTE
CON LE SPOSTIONI
DI CHRISTOFORO LANDINO,
ET D'ALESSANDRO VELLVTELLO.

Sopra la sua Comedia dell' Inferno, del Purgatorio, & del Paradiso.
Con Tauolè, Argomenti, & Allegorie, & riformato, riueduto,
& ridotto alla sua vera Lettura,
PER FRANCESCO SANSOVINO FIORENTINO.



IN VENETIA, Appresso Giouambattista, Marchio Sessa, & Fratelli. 1578.

A Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso, 1578

DANTE ALIGHIERI. (1265-1321). Itália

Impresso em Veneza e editado por Giovambattista, Marchio Sessa, & Fratelli.

32 x 24 cm. Coleção Collaço Paulo



Adão e Eva, c. 1650. **ORIGEM ALEMÃ**
Marfim. 25 x 15 x 7 cm Coleção Collaço Paulo



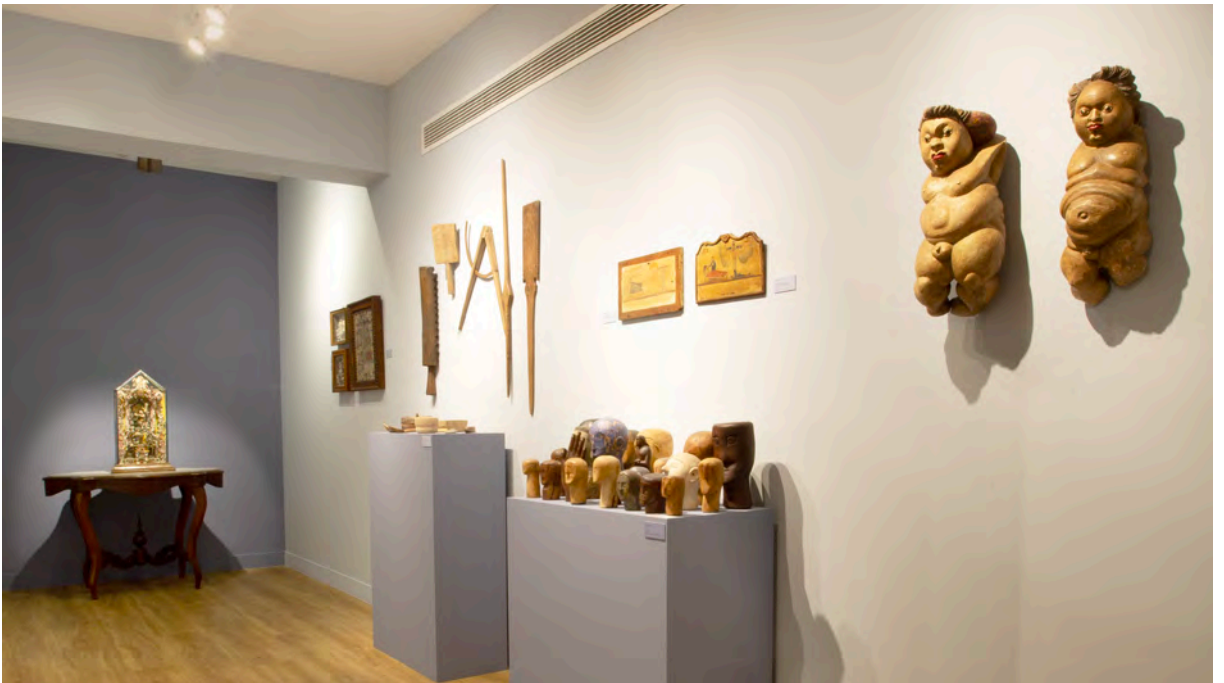
Beijo, c. 1930. **TRIBUÍDO A BRUNO ZACH.** (1891-1935). Viena
Bronze e quartzo. 33 x 14 x 9 cm. Coleção Collaço Paulo



São Jorge, c. 1900. **ALOIS MAYER**. (1855-1936). Alemanha
Bronze. 55,5 x 14 x 14 cm. Coleção Collaço Paulo



Pandora, c. 1840. **JEAN JACQUES PRADIER**. (1790-1852). Suíça
Bronze. 41 x 13,5 x 11 cm. Coleção Collaço Paulo





Ex-votos, séc. 19-20. **ORIGEM BRASILEIRA**
Cerâmica e madeira. Tamanhos variáveis. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1981. **MAURINO DE ARAÚJO**. (1943-2020). Rio Casca, MG
Madeira policromada. 42 x 15 x 12 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1981. **MAURINO DE ARAÚJO**. (1943-2020). Rio Casca, MG
Madeira policromada. 43 x 20 x 16 cm. Coleção Collaço Paulo



Ex-voto - Agradecimento a Sr. Bom Jesus de Matosinhos, 1811.

ORIGEM BRASILEIRA

Madeira e papel. 19,3 x 29,6 cm. Coleção Collaço Paulo



Ex-voto - Agradecimento a Sr. Bom Jesus de Matosinhos, 1788.

ORIGEM BRASILEIRA

Madeira e papel. 20 x 30 cm. Coleção Collaço Paulo



Artefatos indígenas, séc. 18-19.

ESCOLA JESUÍTA. Origem brasileira, Rio Grande do Sul
Madeira. Tamanhos variáveis Coleção Collaço Paulo



Retábulo, séc. 19. ORIGEM PORTUGUESA
Miolo de figueira. 21 x 26,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Ecce Homo, séc. 19. **ORIGEM PORTUGUESA**

Tecido, lantejola, folhas e flores secas. 50 x 39,5 x 4 cm. Coleção Collaço Paulo



Retábulo, séc. 19. **ORIGEM PORTUGUESA**

Madeira, metal, papel e folhas secas. 26 x 26 cm. Coleção Collaço Paulo



São João Batista e Cordeiro, fim séc. 18, início do 19.

XAVIER DA CONCHAS. 1739-1814. Rio de Janeiro

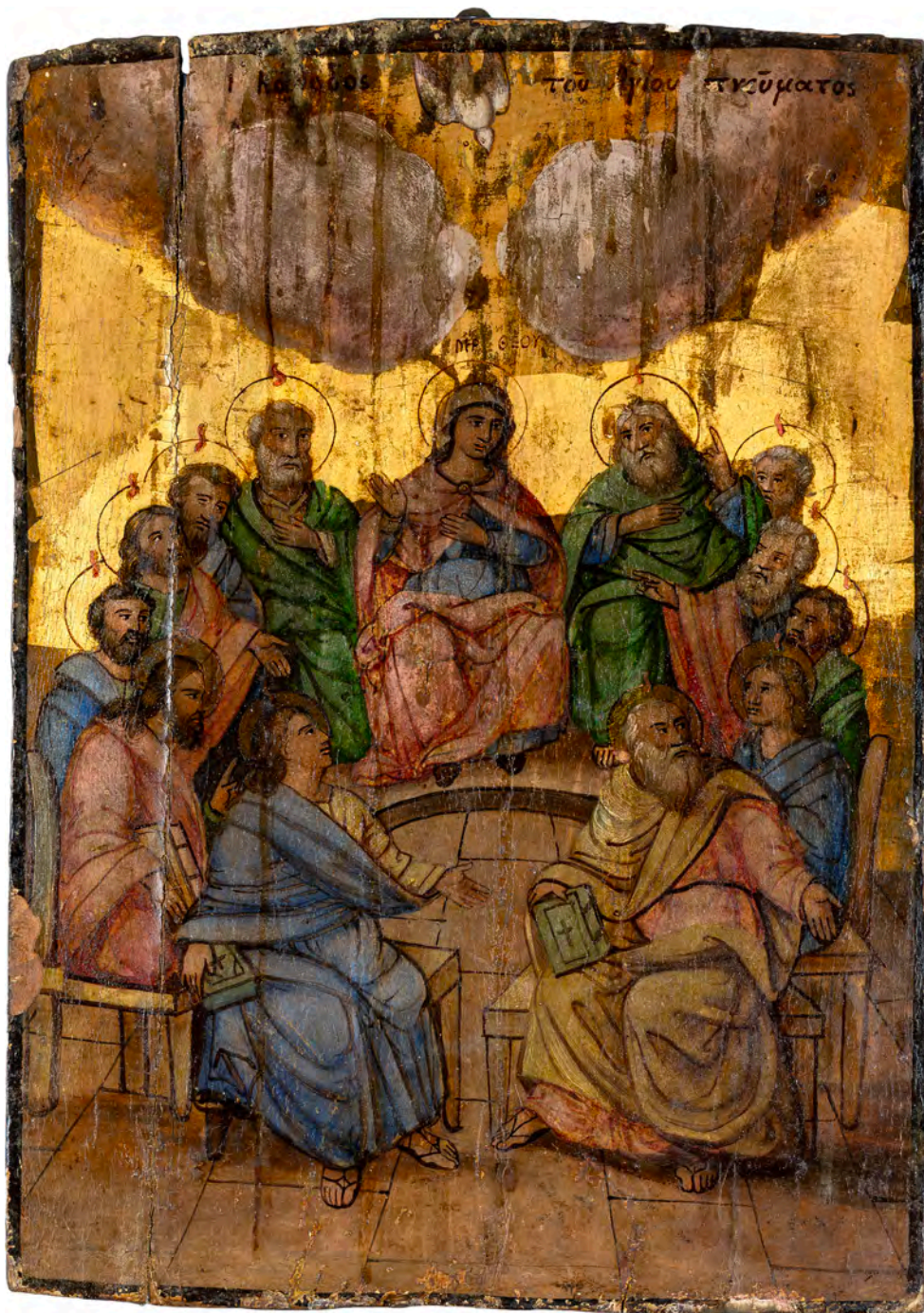
Conchas, madeira, arame, papel e policromia. 64 x 37 x 19,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Batismo de Cristo, séc. 16.

ATRIBUÍDO A TOUSSAINT DUBREUIL. 1561-1606. França

Óleo sobre tela. 92 x 81,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Cena do Dia de Pentecostes, séc. 18. ÍCONE GREGO
Óleo sobre tela. 92 x 81,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Entrada de Jesus em Jerusalém, séc. 17. ESCOLA FLAMENGA
Óleo sobre cobre. 54,5 x 71 cm. Coleção Collaço Paulo



São João Batista, séc. 16

ATRIBUÍDO A BARTOLOMEU PASSEROTTI. 1529-1592. Itália

Óleo sobre madeira. 61,5 x 46,5 cm. Coleção Collaço Paulo





Cena Apocalíptica, segunda metade séc. 17. **ESCOLA CUSQUENHA**
Óleo sobre tela. 155 x 200 cm. Coleção Collaço Paulo



Virgem Maria, séc. 18. **ESCOLA CUSQUENHA**
Óleo sobre tela. 93 x 71,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Nossa Senhora com o Menino Jesus, séc. 18. **ESCOLA CUSQUENHA**
Óleo sobre tela. 132 x 86 cm. Coleção Collaço Paulo



Nossa Senhora de Pomata, séc. 18. **ESCOLA CUSQUENHA**
Óleo sobre tela. 154 x 110,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade, séc. 18. ESCOLA CUSQUENHA
Óleo e douramento sobre tela. 41,4 x 33,1 cm. Coleção Collaço Paulo



São Nicolau, séc. 18. **ESCOLA CUSQUENHA**

Óleo e douramento sobre tela (colada sobre aglomerado). 37,4 x 27,4 cm. Coleção Collaço Paulo



Nossa Senhora da Conceição, séc. 17. **ESCOLA CUSQUENHA**
Óleo sobre tela. 137,5 x 137,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Adoração dos Anjos para Jesus, séc. 17. **ESCOLA CUSQUENHA**
Óleo sobre tela. 180,5 x 136 cm. Coleção Collaço Paulo



Virgen de la Soledad, séc. 18. **ESCOLA CUSQUENHA**
Óleo e douramento sobre tela. 41,4 x 33,1 cm. Coleção Collaço Paulo

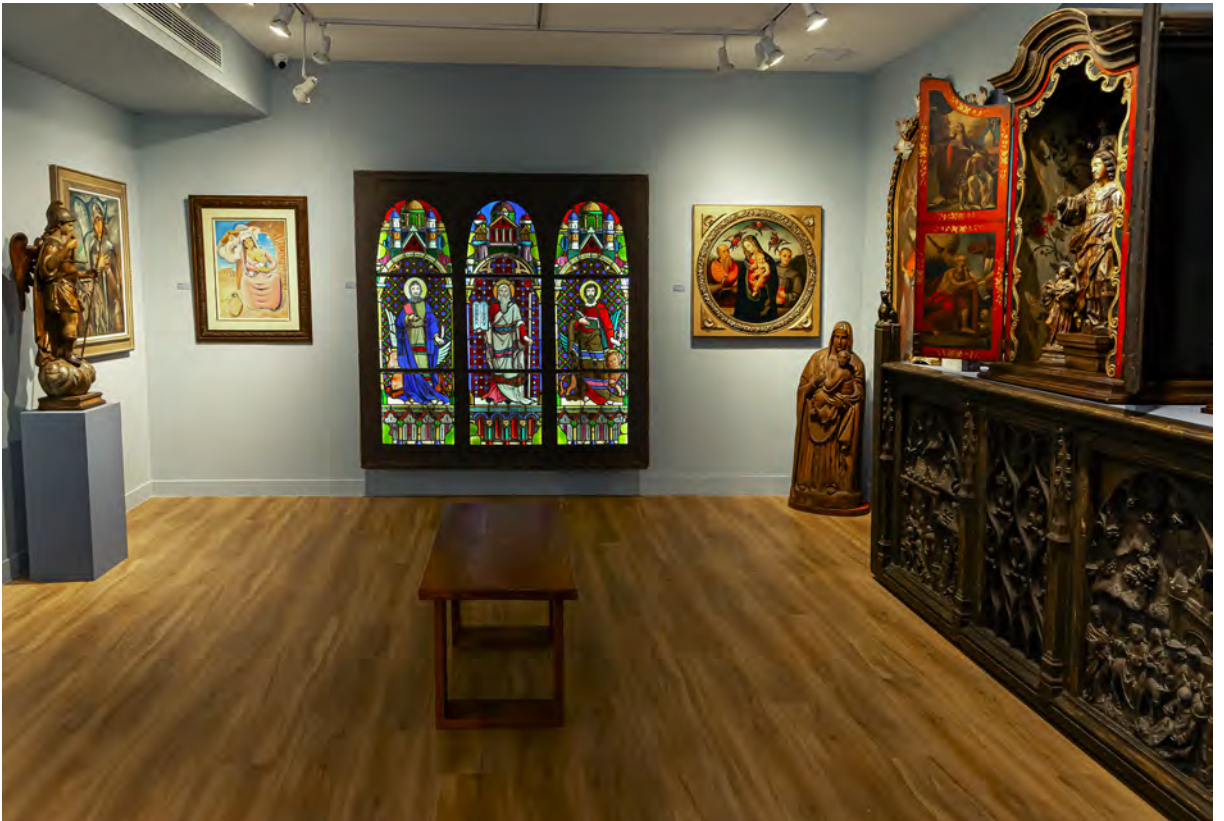


São Francisco, séc. 17. **ESCOLA ESPANHOLA**. Origem Nova Espanha
Madeira policromada. 180 x 57,5 x 53 cm Coleção Collaço Paulo





Exu, 2023. **GUSTAVO NAZARENO**. Três Pontas, MG
Óleo sobre linho. 200 x 170 cm. Coleção Collaço Paulo





Oratório, séc 18. **ORIGEM BRASILEIRA.** Minas Gerais
Madeira policromada. 215 x 70 x 47 cm. Coleção Collaço Paulo



Sagrada Família, c. 1740. **ANDRÉ GONÇALVES**. 1685-1762. Portugal
Óleo sobre tela. 202 x 100 cm. Coleção Collaço Paulo



Santo Agostinho, c. 1740. **ANDRÉ GONÇALVES**. 1685-1762. Portugal
Óleo sobre tela. 203 x 101 cm. Coleção Collaço Paulo



Retábulo, séc. 15. ORIGEM EUROPEIA

Madeira policromada. 138 x 240 x 10 cm. Coleção Collaço Paulo



Santana com Menino Jesus, séc. 18. **ORIGEM LATINA**
Madeira policromada. 115 x 70 x 35 cm. Coleção Collaço Paulo



Nossa Senhora da Imaculada Conceição, fim séc. 18. **ORIGEM BRASILEIRA.** Bahia
Madeira policromada e metal. 53 x 19 x 20 cm. Coleção Collaço Paulo



Nossa Senhora com Menino Jesus, séc. 18. **ORIGEM BRASILEIRA.** Minas Gerais
Madeira policromada e metal. 40,5 x 16 x 11 cm. Coleção Collaço Paulo



Santana Caminhante, séc. 18. **ORIGEM BRASILEIRA**
Madeira policromada. 76 x 38 x 18 cm. Coleção Collaço Paulo



São José, fim séc. 18. **ORIGEM BRASILEIRA.** Bahia
Madeira policromada e metal. 53,5 x 18 x 16 cm. Coleção Collaço Paulo



Menino Jesus, séc. 18. **ORIGEM BRASILEIRA**. Minas Gerais
Madeira policromada, tecido e metal. 64 x 25 x 16 cm. Coleção Collaço Paulo



São Roque, séc. 17. **ESCULTURA JESUÍTA**

Madeira policromada. 68 x 29 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo



Santo Antônio, fim séc. 18. **ORIGEM BRASILEIRA.** Minas Gerais
Madeira policromada e metal. 65 x 16 x 16 cm. Coleção Collaço Paulo



São José, séc. 18. **ORIGEM BRASILEIRA**
Madeira policromada. 28 x 12 x 7 cm. Coleção Collaço Paulo



São José, séc. 18. **ORIGEM BRASILEIRA**
Madeira policromada. 31 x 13 x 9 cm. Coleção Collaço Paulo



Menino Jesus, séc. 18. **ORIGEM BRASILEIRA**

Madeira policromada e metal. 61 x 20 x 11 cm. Coleção Collaço Paulo



Nossa Senhora do Rosário com Menino Jesus, séc. 19. **ORIGEM BRASILEIRA**
Madeira policromada e metal. 121 x 33 x 28 cm. Coleção Collaço Paulo



Nossa Senhora da Imaculada Conceição, séc. 18.

ORIGEM BRASILEIRA. Minas Gerais

Madeira policromada e metal. 77 x 21 x 16 cm. Coleção Collaço Paulo



Nossa Senhora e Jesus Cristo, séc. 17. **ESCOLA ITALIANA**
Óleo sobre tela. 84,7 x 93 cm. Coleção Collaço Paulo



Madona Ladeada por Santos, séc. 15

ATRIBUÍDO A GIOVANNI DI PIETRO. 1450-1528. Espanha

Óleo sobre madeira. 71 x 31,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Vitral, séc. 18-19. **ORIGEM EUROPEIA**

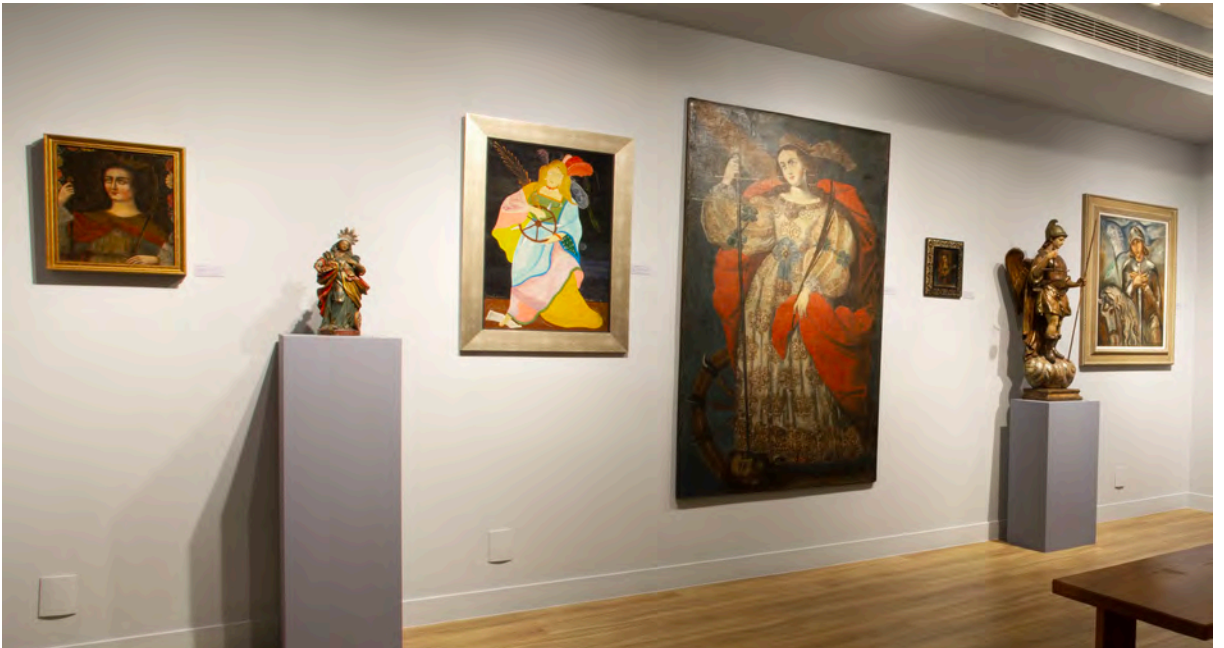
Vitral e madeira. 1.91,5 x 1.92 cm. Coleção Collaço Paulo



Nossa Senhora 1970/80. **MARTINHO DE HARO**. 1907-1985. Florianópolis, SC
Óleo sobre eucatex. 66 x 48 cm. Coleção Collaço Paulo



Festa de Navegantes, 1997. **JUAREZ MACHADO**. Joinville, SC
Óleo sobre tela. 200 x 73 cm. Coleção Collaço Paulo





Santa Catarina de Alexandria, séc. 16-17. ORIGEM EUROPEIA
Óleo e douramento sobre cobre. 19,6 x 14,4 cm. Coleção Collaço Paulo



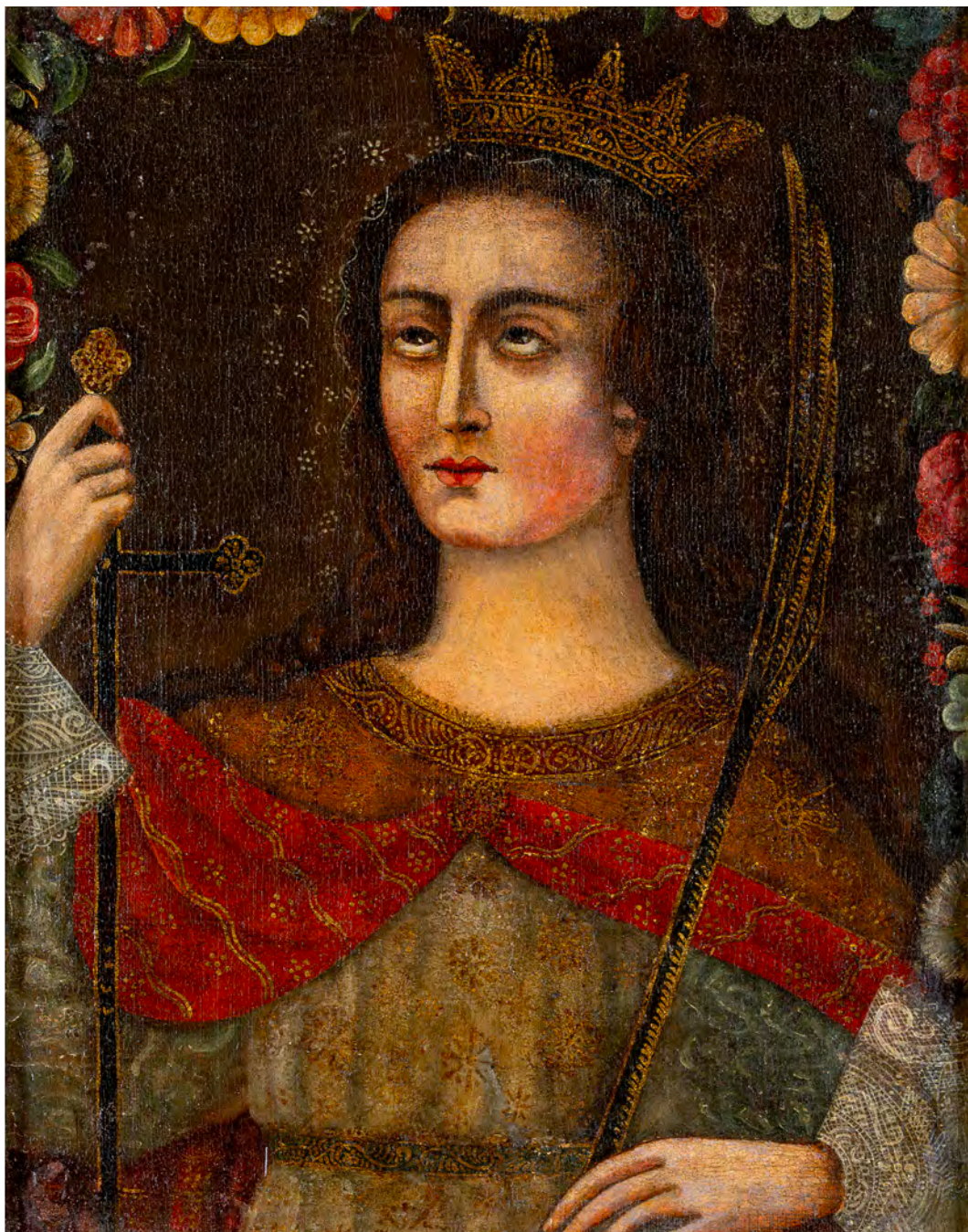
Santa Catarina de Alexandria, séc. 18/19. **ORIGEM BRASILEIRA.** Bahia
Madeira policromada e metal. 37 x 17,5 x 10,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Santa Catarina, Princesa de Alexandria, c. 1969
RODRIGO DE HARO. 1939-2021. Florianópolis, SC
Acrílica sobre eucatex. 75 x 52 cm. Coleção Collaço Paulo



Santa Catarina de Alexandria, séc 18. **ESCOLA CUSQUENHA**
Óleo sobre tela. 175 x 105 cm. Coleção Collaço Paulo



Fragmento de Santa Catarina de Alexandria, séc 18. ESCOLA CUSQUENHA
Óleo e douramento sobre tela. 36,7 x 28,6 cm. Coleção Collaço Paulo



São Miguel de Arcanjo, séc. 18. **ORIGEM PORTUGUESA**
Madeira policromada e metal. 100 x 42 x 30 cm. Coleção Collaço Paulo



Joana d'Arc, c. 1910. **OTHON FRIESZ**. 1879-1949. França
Óleo sobre tela. 80 x 64 cm. Coleção Collaço Paulo

ETÉREA

De 20 de dezembro de 2023
a 28 de setembro de 2024

O INSTITUTO

Diretor-presidente

Marcelo Collaço Paulo

Vice-presidente

Jeanine Gondin Paulo

Museóloga

Cristina Maria Dalla Nora

Curadora-chefe

Francine Goudel

Produção de conteúdo e comunicação

Néri Pedroso

Coordenadora do núcleo educativo

Joana Amarante

Arte educador

Marcello Carpes

Serviços gerais

Adriano Lessa

Recepção e atendimento ao público

Júlia Bayer Heidmann

Eduardo Tavares de Miranda Costa

O CATÁLOGO

Coordenação editorial

Francine Goudel

Néri Pedroso

Textos

Marcelo Collaço Paulo

Francine Goudel

Projeto gráfico

Lorena Galeri

Shayda Cazaubon

Edição de imagem

Francisco Warmling

Fotografia

Eduardo Marques

A EXPOSIÇÃO

Acervo

Coleção Collaço Paulo

Curadoria, expografia, produção executiva e textos

Francine Goudel

Assessoria de imprensa, revisão e edição de textos

Néri Pedroso

Material e ações educativas

Joana Amarante
Iam Campigotto
Marcello Carpes

Coordenação de acervo e montagem

Cristina Maria Dalla Nora

Conservação e restauração do acervo

Sára Fermiano

Montagem

Flávio Xanxa Brunetto

Apoio de montagem

Valmir Tidres
Adriano Lessa
Joana Amarante

Identidade visual

Lorena Galeri

Gestão de mídias sociais

Natália Régis

Fotografia da coleção

Eduardo Marques

Captação de recurso e produção administrativa

Harmônica Arte e
Entretenimento

Realização

Instituto Collaço Paulo
– Centro de Arte e
Educação

Apoio

Sesi

Apoio Cultural

Corporate Park, Ibagy e
Paradigma Cine Arte

Patrocínio

Lei Municipal de
Incentivo à Cultura,
Fundação Cultural de
Florianópolis Franklin
Cascaes e Prefeitura de
Florianópolis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Etérea [livro eletrônico] : Rodrigo de Haro / [organização Francine Goudel, Néri Pedroso] --
Florianópolis, SC : Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, 2026.

(Catálogo de exposição do Instituto Collaço Paulo ; 1)

PDF

ISBN 978-65-980337-9-8

1. Arte sacra - Brasil 2. Bibliografia - Catálogos 3. Esculturas - Arte - Exposições -
Catálogos 4. Exposições - Catálogos 5. Pintura - Exposições

I. Goudel, Francine. II, Pedroso, Néri. III. Série.

26-341271.0

CDD-704.948

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte sacra : Catálogos : Exposições 704.948

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

Organização

Francine Goudel

Néri Pedroso

Realização
INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO
CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

Apoio



Apoio cultural
CORPORATE PARK
CENTRO EMPRESARIAL



paradigma
CINEARTE

Patrocínio



PREFEITURA DE
FLORIANÓPOLIS
CULTURA, ESPORTE E LAZER

Projeto patrocinado pela Prefeitura de Florianópolis por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (modalidade doação), Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

Florianópolis, 2026